Para além dos es

Transtorno que afeta mais de 8 milhões de pessoas no Brasil não é sinônimo de falta de inteligência. Conheça os perfis clínicos e as ferramentas de apoio para a dislexia

POR ANA MILETTI*

A dislexia é frequentemente confundida com falta de atenção, desinteresse ou até preguiça — um estigma que atrasa diagnósticos e afeta profundamente a autoestima de milhões de pessoas. Na realidade, trata-se de um transtorno específico de aprendizagem de origem neurobiológica, caracterizado pela dificuldade em reconhecer palavras com precisão e fluência, o que impacta diretamente a leitura e a escrita.

Segundo estimativas do Instituto ABCD, mais de 8 milhões de pessoas podem conviver com a dislexia no Brasil, o que corresponde a cerca de 4% da população do país. O transtorno pode apresentar sinais semelhantes ao Transtorno do Deficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), o que dificulta o diagnóstico, além de desencadear processos de ansiedade e comparação.

Quando a dislexia não é identificada nem acompanhada de forma adequada — geralmente por uma equipe multidisciplinar que envolve fonoaudiólogos, psicopedagogos e neuropsicólogos —, o impacto ultrapassa os limites da sala de aula e se transforma em uma barreira para toda a vida.

A psiquiatra Elaine Bida explica como essas condições costumam acompanhar o transtorno: "A dislexia compartilha sobreposição genética com o TDAH, e a ansiedade costuma aparecer como consequência do fracasso escolar repetido, não como condição prévia." A médica diferencia o mecanismo de cada quadro: enquanto no TDAH o prejuízo aparece em vários contextos, inclusive fora da leitura, na dislexia a atenção se sustenta em tarefas orais e desmorona diante do texto; já na ansiedade, há evitação e sintomas situacionais, sem um erro fonológico estável. Na prática, isso exige avaliar a atenção e as funções executivas com instrumentos que não dependam da leitura.

Sem essa investigação criteriosa, o custo vai muito além das notas baixas: alimenta a evasão escolar, limita oportunidades profissionais e consolida cicatrizes emocionais na vida adulta. Compreender que a dislexia não afeta a inteligência é o primeiro passo para identificar seus diferentes perfis e sinais ao longo da vida.

***Estagiária sob a supervisão de Sibele Negromonte**

OS PERFIS CLÍNICOS

- **Dislexia fonológica (a mais comum):** o indivíduo consegue ler palavras familiares que já memorizou visualmente, mas "trava" diante de palavras novas, longas ou inventadas, além de cometer muitas trocas de letras com sons parecidos na escrita. Também apresenta dificuldade para aprender idiomas estrangeiros e termos técnicos novos.
- **Dislexia superficial (ou visual/lexical):** a pessoa lê tudo muito devagar, como se estivesse vendo a palavra pela primeira vez, e confunde palavras irregulares (em que o som não segue a regra direta, como exceção ou táxi) ou palavras homófonas (com o mesmo som e grafia diferente, como conserto e concerto). Na rotina, a leitura é extremamente lenta e a ortografia apresenta muitos erros em termos irregulares.
- **Dislexia mista:** reúne características dos dois perfis anteriores — tanto a dificuldade no processamento dos sons quanto na memorização visual das palavras. Costuma estar associada aos quadros moderados a graves, exigindo uma intervenção terapêutica mais abrangente e multissensorial.

SINTOMAS CENTRAIS

- **Falha no processamento fonológico:** dificuldade do cérebro em perceber, segmentar e manipular os sons da fala — como rimar palavras, identificar com qual som uma palavra começa ou termina e "juntar" sons isolados para formar uma sílaba.
- **Deficit na fluência e na automatização:** o cérebro precisa gastar uma energia enorme para decodificar cada palavra manualmente. O resultado é uma leitura lenta, hesitante, sem ritmo e sem entonação.
- **Prejuízo na memória operacional:** a pessoa com dislexia, muitas vezes, lê um parágrafo inteiro perfeitamente, mas chega ao final sem lembrar o que estava escrito no começo, comprometendo a compreensão leitora e a capacidade de seguir instruções com várias etapas.
- **Lentidão na nomeação rápida:** o cérebro acessa e recupera o nome de objetos, cores, números ou letras conhecidas com velocidade reduzida, gerando a sensação constante de ter a palavra na "ponta da língua".
- **Dificuldade com sequenciamento e organização temporal:** desafios para memorizar e manipular informações em sequência, como a tabuada, linhas do tempo históricas ou a estruturação lógica de textos.

